**PARASITAS DE *Astyanax bifasciatus* E *Astyanax lacustris* (CHARACIFORMES, CHARACIDAE) EM UM RIACHO DA BACIA DO RIO IGUAÇU**

**Parasites of *Astyanax bifasciatus* and *Astyanax lacustris* (Characiformes, Characidae) in a stream from Iguaçu River basin**

Bianca da Silva Miguel¹; Lidiane Franceschini ²,3; Aline Cristina Zago²,3; Rosilene Luciana Delariva4; Igor Paiva Ramos¹, ².

¹ Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Zoologia) do Instituto de Biociências da UNESP. Laboratório de Ecologia de Peixes (Pirá). e-mail para correspondência: bianca\_miguel@hotmail.com.

2 Departamento de Biologia e Zootecnia, Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira, UNESP-Laboratório de Ecologia de Peixes (Pirá).

3 Departamento de Parasitologia, Instituto de Biociências de Botucatu, UNESP. – Laboratório de Parasitologia de Animais Silvestres (LAPAS).

4 Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel - Laboratório de Ictiologia, Ecologia e Biomonitoramento (LIEB).

Embora riachos apresentem grande diversidade e endemismo de espécies, estes ambientes ainda são insatisfatoriamente explorados do ponto de vista científico e extremamente ameaçados por ações antrópicas. Poluição, destruição da vegetação ripária, assoreamento e introdução de espécies não-nativas são fatores que atuam de forma deletéria, reduzindo assim a biodiversidade local. Como resultado do processo de introdução de espécies, podem ocorrer mudanças das interações ecológicas locais, incluindo as relações parasita-hospedeiro. Nesse contexto, objetivou-se caracterizar e avaliar a estrutura das comunidades parasitárias de duas espécies congenéricas, *Astyanax lacustris* (espécie não-nativa) e *Astyanax bifasciatus* (espécie nativa), as quais coocorrem em um riacho da bacia do rio Iguaçu, mediante a hipótese de que ambas terão faunas parasitárias distintas, considerando-se a diversidade e riqueza de táxons de helmintos. Foram coletados 44 peixes (22 de cada espécie) na bacia do Iguaçu (Riacho Carolina), PR, por meio de pesca elétrica (SISBio nº 25039-1, CEUA/UNIOESTE nº 3730/2016 e SisGen nº AE93D9D). Posteriormente, os peixes foram submetidos à análise parasitológica, e os parasitas processados e identificados. Foram calculados: prevalência (P), intensidade média de infecção/infestação (IMI) e abundância média (AM). Utilizou-se o teste U de Mann-Whitney para comparação da riqueza (*S*) e índice de diversidade de Shannon-Wienner (H’) entre as espécies de *Astyanax*. Todos os cálculos foram realizados no programa RStudio. Para *A. bifasciatus* (nativa), 19 exemplares estavam parasitados com ao menos um táxon de parasita (P=86,36%, IMI=4,36±0,98, AM=3,77±0,90), totalizando 83 parasitas coletados pertencentes a cinco táxons: Nematoda gen. sp. em fase larval (P=13,63%, IMI=1,66±0,66, AM=0,22±0,14) e quatro táxons de monogenéticos: *Diaphorocleidus* sp. (P=9,09%, IMI=1, AM=0,09±0,06), *Cacatuocotyle papilionis* (P=27,27%, IMI=1±0,09, AM=0,27 ±0,09); *Characithecium* sp. (P=9,09%, IMI=2,5±1,5, AM=0,22±0,18); e Gyrodactylidae gen. sp. (P=77,27%, IMI=3,52±0,94, AM=2,72±0,79)). *Astyanax lacustris* (não-nativa), apresentou 17 exemplares parasitados com pelo menos um táxon de helminto (P=77,27%, IMI=5,09±0,9, AM=4,17±0,7), totalizando 112 espécimes de parasitas distribuídos em quatro táxons de monogenéticos: *Diaphorocleidus* sp. (P=58%, IMI=3±1,07, AM=1,77±0,7), *C. papilionis* (P=54,54%, IMI=1,75±0,32, AM=0,95±0,25); *Characithecium* sp. (P=4,5%, IMI=1, AM=0,04±0,04); e Gyrodactylidae gen. sp. (P=45,45%, IMI=5,0±0,71, AM 2,27±0,62)). Em relação a *S* (p=0,19) e H’ (p=0,35), não houve diferença significativa entre as comunidades parasitárias das espécies de hospedeiros. A diferença entre os hospedeiros congenéricos está atrelada a ocorrência de parasitas de ciclo heteroxeno na espécie nativa (larvas de nematoides), e sua ausência na introduzida. Durante o processo de introdução, espécies não-nativas podem perder parte de seus parasitas naturais devido à quebra da rede de interações complexas entre hospedeiros intermediários e definitivos, alterando negativamente a dinâmica de infestação/infecção parasitária, o que pode contribuir com o sucesso de colonização do novo ambiente. Por outro lado, as espécies hospedeiras apresentaram compartilhamento de todas as espécies de monogenéticos encontradas. O fato pode estar atrelado ao ciclo de vida monoxeno e o modo de transmissão desses parasitas, que ocorre, sobretudo pelo contato direto entre os hospedeiros. Assim, o comportamento social gregário e a proximidade dos cardumes formados por *Astyanax* spp., bem como a proximidade filogenética e o compartilhamento por recursos espaciais poderiam facilitar o contágio de uma espécie para outra.

**Palavras-chave:** Lambari; espécie não-nativa; monogenéticos; relação parasita-hospedeiro.